O CABISTÃO

UM JORNAL DINÂMICO FEITO POR JOVENS DE ARRAIAL DO CABO

Abril de 2009 ▪ Ano II ▪ Nº 03

Marcus Vinícius Oliveira

"Eu me apaixonei por Arraial"

Paulo César Saraceni

Filme sobre Arraial completa 50 anos. Um novo está saindo

Jovens de Arraial do Cabo dão suas opiniões sobre a Reserva Extrativista

Pescadores vão usar rádio na fiscalização da Reserva

8 Mergulho é fonte de turismo e de prazer para os moradores

EDITORIAL

Você está convidado a pensar sobre a nossa cidade!

Chegamos à 3ª edição de O Cabistão. É com muito esforço e satisfação que apresentamos a vocês reportagens, fotos e artigos sobre temas que interessam diretamente ao povo cabista. Tudo que está nessas páginas foi feito pelos alunos do Curso de Comunicação Comunitária do Projeto Ressurgência.

Estamos aprendendo a desenvolver meios de comunicação que sejam interessantes, plurais, bonitos, que mostrem as pessoas e os fatos de Arraial. Vocês vão ver que a nossa equipe de reportagem conversou com muitos cabistas: a professora Herodias, o vigia Joaquim, o pescador Chonca, o poetinha Matheus, o instrutor de mergulho Edson e vários outros cidadãos e cidadãs do Cabo. Essas pessoas têm muita história para contar!

Falando em história, vocês sabiam que o município de Arraial do Cabo é conhecido no mundo todo por causa de um filme do famoso diretor de cinema Paulo César Saraceni? Ele filmou Arraial do Cabo na década de 50, e apresentou nossa cidade ao mundo. Nessa edição você vai poder saber mais sobre isso.

O Cabistão quer ser um jornal com a cara de Arraial, afinal todo o mundo pode se comunicar. A comunicação é um direito humano e estamos colocando esse direito em prática. Nossa cidade precisa discutir soluções para problemas que enfrentamos e o nosso jornal pode ajudar. Por exemplo, nas palavras do vigia Joaquim, "o pescador que não é aposentado passa mal, não tem peixe". E aí? Como vamos fazer para solucionar o problema? O Cabistão não tem resposta pronta, mas quer contribuir para que a sociedade cabista reflita a respeito. Vocês também estão convidados a pensar sobre esse e outros assuntos.

Boa leitura!

O CABISTÃO

Jornal do Curso de Comunicação do Projeto Ressurgência
End.: Praça da Independência, 25 - Centro - Arraial do Cabo - RJ // Tel.: (22) 2622-1341

■ **Jornalista responsável:** Claudia Santiago ■ **Diagramação:** Daniel Costa
■ **Jornalistas assistentes:** Raquel Junia / Sheila Jacob
■ **Realização:** Sage / Coppe / UFRJ ■ Abril de 2009

■ **Equipe:**
Adriana F. Silva / Alessandra Koblischek / Alinne Kristine S. de França / Ana Karen C. Silva / Analice Karoline S. de Cézar / Andrelle Motta de F. Melo / Cláudio Henrique de F. Melo / Clebio Julio Rodrigues / David Oliveira / Déborah dos S. Carvalho / Gabriel Neves / Gabriel Novaes / Gisele Mendonça / Giselly R. Meirelles / Gustavo Nascimento / Hiram Jethro B. Moyano / Izabelle Félix / Israel Vianna de M. Miranda / Jéssica Queiroz / Jéssica de Jesus / Jéssica Miranda / João Henrique Oliveira / Jonatas S. Ribeiro / Joel Santiago / Keyla Maylaine G. Vieira / Leilane Noeme R. de Souza / Lorena do N. Santos / Lorena Brites / Marcus Vinícius dos S. Oliveira / Maria Antônia Casarões / Maria Gabriela V. Sá e Benevides / Mayara de L. Mendonça / Natalia Regina de S. Brito / Olívia de O. Vidal / Otávio das N. Azevedo / Pâmella M. da Silva / Paula Goulart de C. Pereira / Pedro Henrique A. Oliveira / Pedro M. Andrade / Renan Castro / Ruand Porto Felix / Sabriny Lúcia dos Santos Ferreira / Talitha Silva de França / Tayron Carlos Alvarenga / Thiago de Azevedo / Vinicius de S. Pereira / Vivianne de Azevedo L. de Souza / Wellyson V. Côrtes da Silva / Yuri V. Galdino

■ **Patrocínio:**

PROGRAMA PETROBRAS AMBIENTAL

BR PETROBRAS

Óleo reciclado, pescador beneficiado

Projeto prevê a reciclagem do óleo utilizado na cozinha e a venda a baixo custo para os barcos de pesca

Por Izabelle Félix

Izabelle Félix

Equipe do Projeto

Idealizado pelos pesquisadores Vinícius Fonseca e Dora Barreiros o projeto Óleo reciclado, pescador beneficiado, foi lançado no dia 12 de março, no Centro Cultural Manoel Camargo

O próprio nome já diz o objetivo: beneficiar o meio ambiente e também a comunidade pesqueira de Arraial do Cabo. O óleo não será mais despejado na natureza.

Os pescadores sofrem com a atual escassez do pescado. Além disso, ainda tem que pagar pelo alto preço do óleo Diesel, que é combustível dos barcos. O litro custa, em média, R$ 2,70.

De acordo com os organizadores, o óleo deverá passar por uma série de fases, até ser transformado no biodiesel. "O preço será coisa de 70% mais barato que o diesel normal e beneficiará diretamente 600 pescadores, afirmam.

A coleta de óleo será feita na Aremac e na Secretaria Municipal do Ambiente – das 8h às 17h. Informações: 2622-6584 ou 2622-2521.

Causos e histórias de pescador

Pesquisa e redação:
Ana Karen Casemiro e
Keyla Vieira

■ Bruno Paiva conta uma história de pescadores da Praia dos Anjos que ouviu de um professor...

Um grupo de pescadores saiu da Praia dos Anjos para pescar. Chegando em alto mar, viram uma coisa escura no fundo do mar. Pensavam que era um cardume de peixes, então jogaram a rede. Quando estavam puxando a rede e chegou na beira, viram que não era nada de cardume de peixe!

Era um submarino na rede! Eles continuaram puxando, até que um comandante abriu a porta e começou a discutir, dizendo que haviam atrapalhado as pesquisas dele. E os pescadores pararam de puxar. É meio difícil de acreditar, haja força, mas se os pescadores dizem, quem sou eu para mudar a história?

■ Ricardo Rollemberg Lima conta outra história. Essa ele diz que aconteceu com ele mesmo...

Ele passava férias em Arraial do Cabo. Certa vez, estavam ele e um tio pescando, os dois juntos virados para o mesmo lado, mesma isca, mesmo anzol. Mas só quem pegava peixe era o tio. Ele não estava entendendo nada, mas continuou tentando até que a vara dele mexeu e pegou um. No dia seguinte ocorreu tudo igual, o tio dele pegando e ele não. No dia seguinte, então, ele resolveu ir mais cedo, antes do tio, para ver se pegava os peixes na frente dele.

Ele colocou a vara parada e presa e ficou ouvindo música baixinho... Até que ele vê uma mancha na água de mais ou menos um 1,30m de altura e uns 30 centímetros de largura. Diz que era um dourado.

Ele pulou na água e tentou pegar com a mão o peixão. Diz que cercou o peixe com uma rede, mas o peixe saiu. Ele pagou no rabo do peixe e com a outra mão segurou no barquinho, pegou por baixo do peixe e jogou a rede, conseguindo capturá-lo. Disse que se o tio estivesse lá, ele não teria tido essa sorte.

Ilustração: Ana Karen Casemiro

Filme sobre Arraial completa 50 anos: um novo está saindo

Filme** Arraial do Cabo, **produzido pelo cineasta Paulo César Saraceni, completa 50 anos em 2009. Produtores cabistas voltam a retratar a cidade em outro curta metragem.

Por Izabelle Félix

"Eu me apaixonei loucamente por Arraial" , essa foi uma das primeiras frases que o ator, roteirista, produtor e cineasta Paulo César Saraceni disse logo ao abrir as portas de sua casa a um grupo de cabistas. Ele se referia ao motivo que o fez filmar "Arraial do Cabo", popularmente conhecido como "Arraial antigo".

O premiadíssimo filme foi produzido por ele, Mário Carneiro e Joaquim Pedro de Andrade. A produção completa 50 anos em 2009 e, no aniversário do filme, outro curta-metragem sobre os 50 anos após a Álcalis, já está sendo rodado.

Fernanda Carriço, parte da equipe do novo filme, foi conversar com o cineasta. O secretário de Turismo de Arraial do Cabo, Marcos Simas, também estava na comitiva. Saraceni mostrou uma enorme gratidão por ser reconhecido por "Arraial do Cabo" e contou, emocionado, tudo o que passou no nosso município durante a gravação do curta.

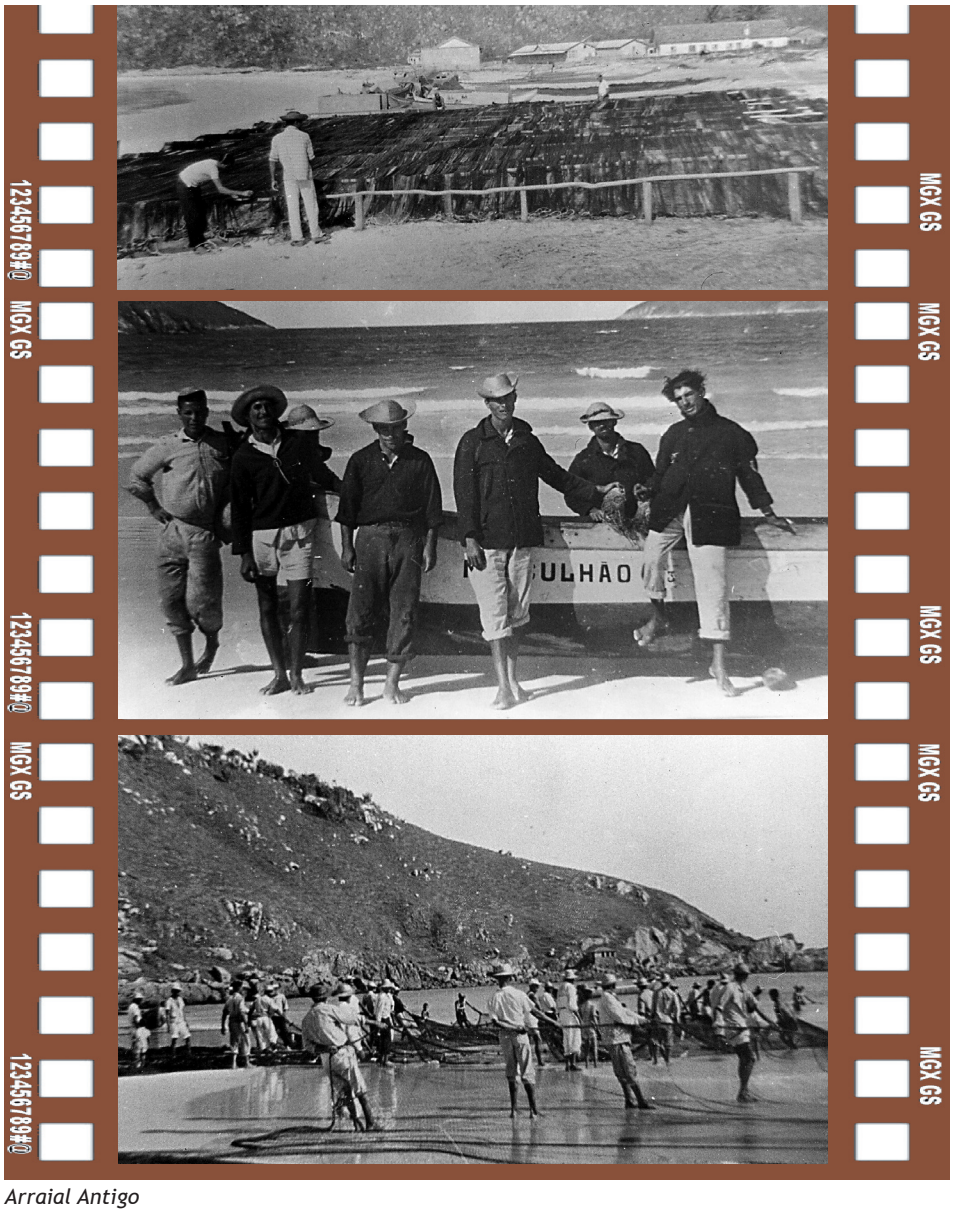
O filme conta a chegada da Álcalis em terras cabistas, além de falar sobre impactos e o princípio de mudanças na cidade, que na época vivia totalmente da pesca.

O movimento cinematográfico *Cinema Novo* lançou o filme de Saraceni como uma de suas estréias, "Arraial do Cabo" foi exibido mundo afora. O movimento visava mudar o conceito sobre o cinema, buscando valorizar as produções com mais conteúdo e menor custo.

"Um cara que já esteve em Arraial do Cabo pode andar em qualquer lugar, qual-

Izabelle Félix

Saraceni, em sua casa, fala ao Cabistão



Arraial Antigo

Pescadores vão usar rádios para ajudar na fiscalização da Reserva

Entrevista: Leilane Noeme e Maria Antônia Casarões
Redação: Maria Antônia Casarões

Uma estação de rádio costeira será montada no Morro da Cabocla. É esta estação que possibilitará a troca de informações, via rádios UHF, entre pescadores. A idéia é formar uma rede de comunicação para que, entre outros objetivos, os pescadores auxiliem na fiscalização da Reserva. A princípio serão distribuídos 20 aparelhos de rádio para pescadores de canoa e boca aberta, porém, as embarcações que já possuem a tecnologia poderão se integrar na rede.

A iniciativa faz parte do projeto Forma-Ação de Monitoramento Ambiental Cidadão, idealizado por Marlon Oliveira e Ricardo Senra, coordenadores do Pólo de Educação Ambiental de Arraial do Cabo (Pólen), ligado à Secretaria Municipal de Meio Ambiente. Para a compra dos aparelhos foi feita uma parceria com o Projeto Ressurgência.

De 23 a 31 de março foi realizado um primeiro curso de radiofonia para capacitar 30 pescadores a utilizarem o equipamento. O curso foi dividido em módulos com os seguintes temas: educação ambiental, radiocomunicação, pesca na Resex e radiocomunicação como apoio ao monitoramento da Resex-Mar.

Ricardo Senra, um dos idealizadores do projeto, explicou que a proposta é que a rádio seja uma ferramenta para que os pescadores atuem na educação ambiental, na denúncia da pesca predatória e do problema ambiental, além da cooperação em busca e salvamento. "Aqui só temos um único fiscal. Agora cada um desses pescadores será um fiscal em potencial", comemorou.

A proposta é que futuramente a rede de rádios também possa transmitir em FM, com a implantação da Rádio Comunitária de Arraial do Cabo, que está em andamento.

Pesca de canoa é arte e profissão

Restam poucas canoas na ativa em Arraial do Cabo e os pescadores que ainda se dedicam a essa atividade enfrentam inúmeras dificuldades

Entrevistas: Alessandra Koblischek, Clebio Rodrigues, Deborah de Carvalho e Pedro Henrique Oliveira
Redação: Alessandra Koblischek

A pesca de canoa é uma atividade tradicional do município de Arraial do Cabo. Porém, não tem mais a mesma força de antigamente. É vista atualmente como cultural e não só profissional, pois não é mais possível viver só dela e os turistas vão para a cidade conhecer a "arte da pesca de canoa".

As embarcações eram feitas à mão e manuseadas com remos. Existem canoas muito antigas, pois elas são passadas de pais para filhos, por muitas gerações.

Cada pescador escolhe o nome de suas canoas: *Diléia*, *Santa Cruz*, *Boca Aberta*. As canoas tem datas de pescar. "Hoje é a Diléia, passam três dias, é a *Santa Cruz*, vai correndo o dia", conta a esposa de um pescador. O marido, por problemas de saúde, não exerce mais esse trabalho.

Nicomedes Borges Teixeira Pinto, ex-pescador de canoa, explica que em cada canoa saem nove tripulantes. Um olheiro fica no morro observando os cardumes. Ao avistar os peixes de valor, sinaliza para jogarem a rede.

Com o tempo, Arraial do Cabo foi tomando um rumo de pólo turístico, com passeios de barco e mergulho. Os passeios, diz Nicomedes, não atrapalham o trabalho, mas os mergulhadores espantam os cardumes.

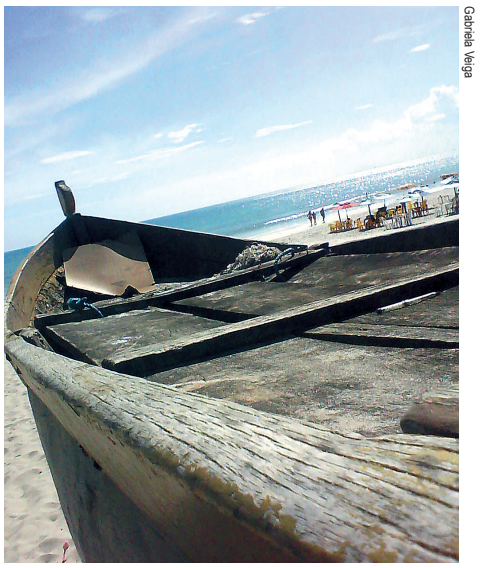
"A exploração é demais. O mergulhador encosta-se em qualquer lugar. Eu já tirei mergulhador da pedra, para ele se recolher e me deixar pescar. Desci o morro e pedi pra ele sair, pois o cardume estava vindo, chegavam perto dele e voltavam. O mergulhador disse, na minha cara, que estava ali só para pegar aquele peixe – Quero muito pegá-lo – Eu pedi que me deixasse jogar a rede que eu lhe daria quanto quisesse. Seu amigo disse-lhe que me deixasse em paz, pois eu vivia daquilo. Joguei a rede, pesquei muito e dei para ele. Ele disse que era demais, não queria tanto, mas falei pra ele ficar", narra o pescador.

Borges diz que, em sua época de pescado havia muita quantidade de peixe, porém muitos sem valor. E o preço era muito baixo. "Hoje não dá nada. Antes eu pescava um prédio de cinco andares. Eram nove toneladas de peixe, tainhas, em um dia. Hoje é impossível sobreviver só da pesca".

Sem defeso fica ainda mais difícil

Ainda há doze canoas e, em média, seis famílias que vivem dessa atividade pesqueira em Arraial do Cabo. Os locais onde se tem melhor resultado são: as Prainhas, Maramutá e Atalaia. Mas confessam que é necessário ter um trabalho extra para certos momentos críticos de falta de peixe.

Havia o chamado defeso, renda que o governo pagava aos pescadores na época de pesca proibida. Mas, devido a pessoas que se beneficiavam sem ao menos pisar no mar, esse defeso foi cancelado há mais de um ano. O que torna ainda mais difícil continuar com essa atividade.


Gabriela Veiga

Canoa na Praia Grande

Os pescadores sentem necessidade de respeito e mais cuidado com eles. "O pescador é muito sofrido. Eu já sofri muito", desabafa Nicomedes.

Sendo pesca artesanal ou profissional, está se acabando. É preciso mais atenção a esses 'detalhes' marcantes e bonitos de uma comunidade. Isso ainda dá um livro.

Em Arraial, todos conhecem o Chonca

Gabriela Veiga

Chonca fala sobre a arte de reparar canoas

Chonca tem 50 anos de pesca. No decorrer da vida no mar aprendeu a recuperar canoas. Diz que o trabalho hoje é mais fácil do que antigamente por causa dos materiais que foram aperfeiçoados. Chonca preserva uma das pescas mais antigas de Arraial: a de canoa. Como todo pescador, ele tem "causos" para contar. Quem não o conhece, pode conhecer um pouquinho dele agora.

Por Maria Gabriela Veiga, Lorena Brites e Jonatas Ribeiro

O CABISTÃO: Há quanto tempo o senhor trabalha fazendo canoa?
Chonca: Eu não faço canoa, eu faço reparos. Quando ela quebra, apodrece, eu recupero. Mas se viesse uma árvore para mim, eu faria sim.

O CABISTÃO: O senhor é pescador desde quando?
Chonca: Desde 1957. Mas pesco desde 1954, quando tinha 14 anos. Depois, quando foi em 1957, tirei meu primeiro documento de pescador profissional. Mas eu trabalhei com outra coisa, pescava também, depois me aposentei. Agora eu só trabalho arrumando canoas, às vezes pesco também.

O CABISTÃO: Que histórias o senhor gostaria de contar pra gente?
Chonca: Bom, esses dias mesmo eu quase fui embora com o mar. Estava eu, duas sobrinhas e uma amiga delas. Eu estava remando e, de repente, o remo escapou da minha mão. E para voltar uma canoa estava passando, da pesca de redinha. Então eu pedi apara avisar lá na frente e ver se alguém poderia ajudar. Eles foram lá e me levaram de reboque para a beira da água.

O CABISTÃO: Que tipos de reparo o senhor faz?
Chonca: Eu faço todo tipo de reparo, até a borda. Aprendi vendo o pessoal antigo fazendo. O método de trabalho deles era diferente, hoje é muito mais fácil. Antes eles faziam mistura, compravam óleo de linhaça, gesso, misturavam e faziam uma papa, dava mais trabalho. Tinha que bater de marreta para colar. Eu comecei fazendo um favor, uma canoa de um amigo quebrou, eu falei para ele que ia fazer sim, mas nunca tinha feito. Aí começou assim, depois disso comecei a trabalhar. Eu até desmontei bote e montei novamente, a pedido de um amigo, irmão de Betinho.

O CABISTÃO: O senhor conhece "causos" de pescador?
Chonca: Eu sei de um com um barco a motor, que foi até com a família da Maria Gabriela (uma das entrevistadoras). Eles foram pescar em alto mar e, chegando lá, o motor quebrou. Eles deram sorte porque passava um transatlântico que vinha da Europa. Pegaram eles, deram a volta pelo país no navio. Voltaram algumas semanas depois, com o barco arrumado e pintado com as cores do navio. Isso foi em 1958 ou 1959.

O CABISTÃO: E como o senhor se sente no mar?
Chonca: Eu gosto do mar. Infelizmente a gente vai envelhecendo e perde as forças para enfrentar o mar. O mar é uma terapia, relaxa, traz paz, acalma. Eu ainda gosto muito de ir pro mar, mas acho que ele é que não gosta muito de mim...

Leilane Noeme

Alunas do curso de Comunicação fazem entrevista para O Cabistão

Plano de utilização da Reserva define funcionamento

A Resex Mar já tem plano de utilização, apesar de poucas pessoas o conhecerem a fundo. O plano de manejo, que é um projeto mais elaborado, ainda está sendo construído.

Por Jéssica Miranda, Leilane Noeme, Maria Antônia Casarões e Pâmella Murta

Criada para manter a pesca tradicional e preservar a biodiversidade marinha, a Reserva Extrativista Marinha de Arraial do Cabo não conhecida pela maioria dos habitantes.

"Muitas vezes os pescadores não cumprem as normas da reserva porque falta conhecimento", diz o presidente da Associação da Reserva (Aremac), Eraldo Teixeira. O resultado é que sem conhecimento das normas, os extrativistas não asseguram seus direitos.

Por isso foi criado um plano de utilização. A idéia do plano é proteger a Reserva dizendo o que pode e que não pode ser feito. Ou seja, o que pode ser feito sem prejuízo aos moradores de Arraial do Cabo.

A proposta é que o plano sirva como guia paras os extrativistas realizarem suas atividades dentro de critérios ecológicos, econômicos e sociais.

Tipos de redes a serem usadas, diferentes espécies de peixes, tipos de embarcações, tudo isso é apresentado no plano.

Plano de manejo

Há, também, a idéia de se criar um plano mais elaborado – o de manejo, que seria uma continuação do plano de utilização. "O plano de utilização é apenas um rascunho e o de manejo será como se tivesse passado a limpo tudo que já tinha sido apresentado", explica o presidente da Aremac.

De acordo com Eraldo Teixeira, o plano de manejo já está sendo construído em assembléias compostas por 51% de representantes da pesca e 49% de representantes de órgãos públicos e privados.

Hoje, a Aremac tem uma parceria com a Secretaria Municipal de Meio Ambiente. A associação também pretende estabelecer uma parceria com a Secretaria de Educação. Com isso, o projeto de inserir a Reserva Extrativista Marinha no currículo escolar, como foi apresentado pelas professoras Monique Gago e Preciosa Casarões na edição anterior de O Cabistão, pode ser colocado em prática.

Uma outra novidade sobre a reserva é que o Instituto Chico Mendes anunciou cursos para os cabistas sobre o plano para que conheçam mais o assunto e ajudem na fiscalização. Segundo Eraldo, os cursos já estão acontecendo. É uma parceria do Projeto Ressurgência, Instituto Chico Mendes, Aremac e colônia de pescadores.

Jovens de Arraial defendem a Reserva

Fotos: Aline Kristine

Jéssica Mendonça

Os arrastões e pescas de três malhas tem sido os principais problemas enfrentados no município de Arraial do Cabo nos últimos anos. Esse tipo de pesca industrial não respeita o período de ovulação das espécies. Arrasta todo e qualquer tipo de ser vivo existente no mar, visando o lucro imediato sem pensar em conseqüências futuras. Como Reserva Extrativista Marinha, Arraial do Cabo deveria ser sinônimo de uso sustentável de seus recursos naturais marinhos. Porém, a falta de fiscalização fluente em nosso município tem contribuído muito para que a pesca industrial explore nossos recursos.

Analice Caroline

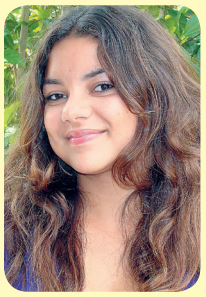
A Reserva Extrativista Marinha de Arraial do Cabo foi criada há 12 anos para proteger e fiscalizar a pesca na cidade. A chegada de barcos com redes de três malhos, industriais e arrastões afastam os peixes. Os pescadores alegam que barcos de passeio espantam os peixes com seus flashes e turistas barulhentos. A Resex Mar diz que a fiscalização é difícil pois faz todo o trabalho sozinha.

Israel Miranda

Um dos principais motivos da falta de peixe nas reservas é a falta de guarda costeira monitorando os locais proibidos. Sem isso os barcos industriais abusam na quantidade de peixe que estão em extinção, como a sardinha. Outro exemplo é a pesca de arrastão que destrói corais e peixes sem valor comercial e causa um impacto ambiental. Os barcos de mergulho turístico fazendo aproximadamente três mergulhos diários acabam com o habitat natural dos peixes que são acostumados com humanos.

Lorena Brites

A Resex – Mar tem a função de fiscalizar, proteger a vida marinha e orientar os pescadores extrativistas. Para isso, há regras que determinam como utilizar o espaço marinho. Porém, diversos fatores impedem o cumprimento dessas regras. A pouca informação dos pescadores, falta de recursos para uma fiscalização adequada, turismo aquático desordenado e principalmente o alto índice de pesca predatória nas águas de Arraial, tem causado impactos desastrosos, como por exemplo, a extinção de algumas espécies



Maria Antonia

Os moradores cabistas em sua maioria não lutam para defender a reserva, pois não têm conhecimento sobre ela. Muitos ainda não sabem da sua existência. Não só a pesca, mas outros temas como o turismo não são respeitados dentro dos limites da Resex. É preciso que os moradores conheçam a Reserva; o seu trabalho; o que acontece, qual sua função, o que deve ser preservado. Só então, poderão lutar para cuidar da reserva, e Arraial voltará a ter sua pesca tradicional e sua grande biodiversidade.

Wellyson Cortes

A Reserx-Mar foi criada em Janeiro de 1997 com o objetivo de proteger, fiscalizar e organizar a parte marítima de Arraial do Cabo. A reserva vai da praia de Massambaba até a praia do Pontal. Infelizmente a população cabista ainda não tem consciência da sua importância. Os pescadores, tempos atrás, se mantinham apenas com a pesca. A quantidade de peixe era enorme e hoje mal dá para o sustento da família pesqueira.

Com a palavra: o vigia

Joaquim Félix Duarte é vigia. É ele um dos trabalhadores que ficam lá no alto do morro da Praia Grande para avisar aos pescadores a passagem dos cardumes. Aos 82 anos, ele faz sinais com o braço e com o lenço para indicar o que os colegas devem fazer lá embaixo, e consegue avistar lá do alto que tipo de peixe está passando (quando tem peixe). Ele aprendeu o ofício com o pai, mas alerta que a função de vigia, assim como a de pescador, corre sérios riscos, pois a matéria prima do trabalho, o peixe, diminui já não é de hoje. Seu Joaquim conta que já ajudou a cercar num dia só mais de 14 mil xaréus.

Joaquim Félix sonha com a volta dos peixes grandes

Por Andrelle Mota, Claudio Mota, Israel Vianna, Izabelle Félix, Lorena Brites e Wellyson Côrtes

O CABISTÃO: O senhor já viu algum cardume passando hoje?
Joaquim Félix: Agora tá difícil, não tem peixe, a rede está no mar e não tem nenhum peixe aí na rede. Não vi nada, nada, nada.

O CABISTÃO: O senhor está aqui desde que horas?
Joaquim: 6h. (A entrevista foi feita por volta de 8 horas). Antes deles colocarem a canoa do mar eu já estava aqui, aí eles foram chegando, colocaram a canoa no mar, mas não tem nada não. É bom quando tem peixe, né? Mas não tem nada.

O CABISTÃO: E por que está acabando o peixe?
Joaquim: É devido a muita rede atravessada aí, o Ibama não se incomoda, ninguém se incomoda. Tem uns barcos lá da Praia dos Anjos que vinham aqui, largavam a rede e cercavam, bem aqui na ponta da pedra. Agora eles não tem vindo aqui porque acabaram com tudo. Acabaram com a pescaria toda, acabaram com a gente, mas com eles também porque eles estão lá abandonados. Não tem o que pescar.

O CABISTÃO: E como é que está vivendo o pescador?
Joaquim: A maioria dos pescadores é de aposentados. O pescador que não é aposentado passa mal, não tem peixe.

O CABISTÃO: Como o senhor faz os sinais?
Joaquim: Todo sinal que a gente fizer aqui eles conhecem lá embaixo. Antigamente, nos anos passados, a gente jogava a rede na certa, hoje não, joga a rede no mar e não vem peixe nenhum.

O CABISTÃO: Mas suponhamos que haja peixe, se o senhor faz os movimentos eles entendem tudo?
Joaquim: Não tem erro não, difícil errar. Uma vez tinha uma repórter de São Paulo comigo aqui, veio me filmar, aí eu falei com ela: 'está vindo um cardume de peixe ali, ó, aquele peixe é xarelete'. 'Mas o senhor sabe mesmo que é esse peixe?'. 'Sei, se a senhora quiser ver, vai lá'. Aí eu mandei puxar a rede e ela desceu lá e viu. Aí depois ela mandou a fita para mim, uma beleza. Tudo que eu disse aqui veio ótimo, eu mandei para a minha filha lá em Belo Horizonte, mandei para a minha outra filha lá em São Paulo também.

O CABISTÃO: E como é que o senhor aprendeu a ser vigia?
Joaquim: Eu aprendi porque quando eu era garoto meu pai já era vigia, pescava aqui. Minha mãe me levantava e falava: 'vai lá, Joaquim, levar um cafezinho para o seu pai, ele foi cedo para lá". Aí eu chegava aqui e ele estava aqui sentado. Aí ele falava para mim assim: "Joaquim, que manta tá vindo ali?".

Porque aqui a gente fala assim: mangote é quando vem pouco peixe, mais porção de peixe é um cardumão, e muito peixe mesmo é uma manta. "Olha a manta de peixe lá, Joaquim!", aí vinha uma manta de peixe lá na coroa, a coroa é aquela parte mais clara que vocês estão vendo (aponta), lá embaixo. "Aonde papai?", aí quando o peixe se aproximava eu via. Isso eu tinha oito, dez anos. Eu comecei a pescar com 14 anos e pesco até hoje. Tenho 82 anos.

O CABISTÃO: Dizem que pescador tem muita história para contar.
Joaquim: Conta muita mentira, né?

O CABISTÃO: Que história o senhor gostaria de contar para a gente?
Joaquim: Ih, se eu for contar fico o dia inteiro contando. Vou contar uma. Eu estava na Praia do Farol, vigiando lá, porque tinha pescaria lá também. Aí lá eram dois vigias, eu estava mais na frente, aí chegou o outro vigia, sentou e eu falei: "tá vindo uma manta de bonito grande, tá vendo?". "Não, Joaquim, não é bonito não, é xaréu, tá desde ontem aqui".

A manta de peixe era tão grande que duas canoas não davam para cercar, isso era mais ou menos em 1954. Aí eu falei: "vamos cercar a manta de peixe?". Ele era mais velho do que eu. Aí ele falou: "Ah, vamos Joaquim, mas aquelas duas redes não dão para cercar, não". "Então, vamos buscar uma canoa em terra". Aí um rapaz novo saltou lá do Boqueirão e veio buscar uma canoa.

Aí chegamos aqui em terra e levamos cinco canoas, com mais duas que tinha lá, inteiraram sete. Aí deixamos a manta de peixe andando ali no lugar certo que era para a gente cercar e fomos almoçar, já era onze horas, até as canoas virem.

Aí depois do almoço, sabe quantos xaréu matamos nesse dia? 14.600 xaréus, de sete quilos. O rapaz levou as canoas, chegamos lá, cercamos, tem pouca gente dessa época vivo ainda. Trabalhamos até no outro dia, já pensou? 14.600 xaréus! Essa é a melhor história que eu tenho para contar.

Professora cabista conta lendas e história de Arraial

Herodias Alves e seus alunos já fizeram um livro em quadrinhos com as lendas da cidade

Redação: Jéssica Mendonça
Entrevista: Jéssica Mendonça e Pedro Oliveira

Herodias da Cunha Alves é professora. Com muita boa vontade, recebeu a equipe de reportagem de *O Cabistão* em sua casa. Tirar fotos dela foi difícil, porque Herodias se dizia desarrumada. Depois de um pouco de insistência, solta os cabelos, presos por causa do calor e pousa para nossas lentes diante de suas artes."Carrego nas veias a cultura local. Sou conhecedora de danças, poetas, lendas e vocabulário de Arraial", conta orgulhosa.

Antes de se aposentar, atuava como professora de educação artística e buscava desenvolver em seus alunos a preocupação com a cultura de Arraial. Junto a eles desenvolveu um livro de lendas cabistas em quadrinhos. Ela conta que os alunos imaginaram e criaram os personagens.

Se depender dela, poetas e rendas do Cabo nunca serão esquecidos

Ao longo de sua vida, a professora realizou vários eventos relacionados à cultura cabista. Sempre citou como exemplos os grandes poetas Cecílio Barros, Buzos e Vitorino Carriço. Destaca-os pelo talento apesar da pouca oportunidade de estudos.

Além da poesia, quer preservar também as danças deixadas pelos portugueses em Arraial do Cabo, como a contra-dança, pastoril, rei de bois e o fado. "Não quero que essa cultura morra, por isso preciso de apoio", exclama, preocupada. Os portugueses, segundo Herodias, também trouxeram a renda e no vocabulário deixaram traços. A palavra vassoura, ainda hoje falada como bassoura, uma característica da língua portuguesa de Portugal, segundo ela da região de Póvoa.

Herodias continua traçando seu trabalho e espalhando conhecimento pela cidade. Junto ao grupo 'Meninas Arteiras', apoiado pela Associação da Reserva Extrativista Marinha de Arraial do Cabo (Aremac), colocou em diversos pontos turísticos de Arraial barracas onde manuseia e faz rendas, despertando o interesse de muitos cabistas. A professora diz que as barracas voltarão a ser colocadas na cidade, em momentos de bastante movimento, como os feriados.

Também artesã e pintora, ela destaca em seus trabalhos a fauna e a flora da nossa região. Maria Caxuxa e flor do Cacto, flores nativas de nossa cidade, em forma de renda viraram temas de chapéus. "Eu não aprendi a fazer renda pelo dinheiro. Aprendi e faço para passar para vocês adolescentes para que a nossa cultura

Herodias, professora e poeta

"A restinga? Outrora farmácia do povo da terra: aroeira, bajuru, caju, canena, jacapenga, murici, pitanga. Ela faz parte da vida cotidiana, cultural e tradições da sociedade cabista, nela ainda encontramos uma fauna rica, a nossa restinga dá frutos gostosos, que embora silvestres, em outro lugar não existe.

[...]conservemos a nossa restinga, ela é fundamental no uso medicinal, comestível, ornamental, artesanal, é ela que filtra esses ares saudáveis que o povo da terra conserve essa jóia tão rara".

Trecho da poesia Restinga,

Cora Coralina e Vitorino Carriço inspiram poetinha

Com apenas 13 anos, Matheus Alcântara já é chamado de poeta. Vitorino Carriço é seu pai de coração e Cora Coralina, a poeta goiana, foi quem despertou o amor dele pela poesia.

Por Aline Teixeira, Analice Soares, Izabelle Felix, Raquel Junia e Sheila Jacob

O CABISTÃO: O que te influenciou a gostar de poesias?
Matheus. O teatro. No meu ponto de vista, teatro tem a ver com poesia e poesia com teatro. A primeira peça que eu vi foi em Cabo Frio, de um amigo meu, o José Antonio: Travessia. A peça dele falava sobre poetas de Portugal, do Brasil.

O CABISTÃO: Que poetas, escritores te inspiram mais?
Matheus. Eu comecei a ler por Cora Coralina, que é uma poeta lá do beco do Goiás Velho. O poeta que eu amo é Vitorino Carriço. Quando eu era criança, ele passava e falava comigo. Eu estou fazendo um trabalho sobre Vitorino Carriço e vou ter um programa na rádio comunitária sobre ele.

Izabelle Félix

O poeta Matheus

O CABISTÃO: As pessoas conhecem bem Vitorino Carriço?
Matheus. Devem conhecer, ele foi o grande poeta. Eu sei que ele não é daqui, ele é nascido no Baixo Grande, em 1902, lá em São Pedro D'Aldeia. Ele morou um tempinho lá em Cabo Frio e depois veio para Arraial do Cabo. A maior parte da sua vida foi vivida aqui. Aí ele fez poesias aqui, hinos, hino do tupi, do guarani, o hino de Arraial do Cabo.

O CABISTÃO: Como você conheceu essa história do Vitorino Carriço?
Matheus. Na Casa da Poesia. Quem me disse coisas mais concretas foi a filha dele, a Ercília. Todo domingo eu estou na casa dela e ela me conta sobre cada poesia, os filhos que ele teve, a vida dele.

O CABISTÃO: Você está em que série?
Matheus. 8º ano no Ione Nogueira [E. Municipal].

O CABISTÃO: O que os seus amigos acham do seu trabalho com a poesia?
Matheus. Eles até que gostam. Só que é assim, eu tenho amigos na escola, mas não tantos, porque a maioria dos meus amigos são pessoas mais amadurecidas. Mas lá na escola me chamam de poetinha.

O CABISTÃO: Você gosta de ser chamado assim?
Matheus. É um privilégio para mim, já que Deus me deu esse dom, se abriu essa porta, a gente não pode fechá-la nunca mais.

O CABISTÃO: Você falou que gosta muito do Vitorino Carriço, as poesias deles te inspiram para fazer as suas?
Matheus. Com certeza, ele que me inspira e Cora Coralina também, pelo linguajar dela, pelas palavras dela. Ela foi uma pessoa trabalhadora, que era doceira, poetiza, trabalhava muito. Foi reconhecida nos 80 e poucos anos, já era falecida, mas ela me deu prazer de gostar de poesia, de como ela era trabalhadora e eu posso ser igual a ela, como eu posso ter esse sonho dela. O linguajar dela é muito bom de ler e ela fala muito sobre a vida, sobre a época dela, sobre as vivencias com os pais, as histórias que aconteciam com ela.

Fundo do mar atrai novos moradores para a cidade

LFCassino (www.imagensub.com.br)

Em busca do mergulho perfeito, turistas chegam em Arraial e ficam de vez. Instrutores contam porque mergulhar na cidade se torna especial e que cuidados devem ser tomados

Por Gisele Praxedes, Jéssica Barreto, Mayara Mendonça e Tayron Carlos

Conhecida mundialmente, Arraial do Cabo é uma cidade com beleza especial. É considerada um dos melhores pontos de mergulho no Brasil e tem uma rica fauna e flora marinha. Não é a toa que foi declarada legalmente uma Reserva Extrativista Marinha.

A atividade do mergulho recorrente no município também contribui para o turismo. Toda época do ano é boa para se mergulhar por aqui e vem gente de todos os cantos para conhecer e desfrutar de tanta beleza.

Para o instrutor de mergulho Dimitri Praet, mergulhar é mais do que um esporte, é planejamento, controle, saúde, pois quem pratica não pode fumar nem beber, é responsabilidade, é trabalhar em equipe.

Ele veio da Bélgica porque não queria mais ficar num país frio e escolheu o Brasil, também por ser um país grande e por suas belezas naturais. Ao chegar aqui, Dimitri viajou durante seis meses pelo litoral e, quando chegou em Arraial do Cabo, ficou.

"Arraial é uma cidade original, o povo daqui conserva a cidade e isso é legal. Em Búzios não parece Brasil. Podemos andar na rua com tranqüilidade e quando você precisa de ajuda as pessoas ajudam mesmo, você se sente em casa", opina.

Em Arraial do Cabo existem vários pontos de mergulho para todos os níveis. O preferido para quem está iniciando é a Praia do Forno e pra quem já está num nível avançado costuma mergulhar na 'parte de fora', na Ponta Leste ou no Saco do Anequim, podendo alcançar até 30 metros de profundidade.

Arquivo pessoal

Gustavo de Castro dá aula de mergulho. No detalhe, Dimitri Praet

É perigoso mergu-

"Dados comprovam que é mais fácil a pessoa se acidentar jogando basquete do que mergulhando", responde Gustavo de Castro instrutor de mergulho.

"A partir do momento em que a pessoa cai na água há uma paz interior muito grande. É possível esquecer de todos os problemas, o silêncio é enorme, é emocionante", diz.

Gustavo é de Niterói, mas se mudou para a cidade há alguns anos por causa do mergulho.

Segundo ele, existem riscos no mergulho dependendo do que se irá fazer dentro do mar, mas ressalta que se a pessoa seguir as regras de segurança, nunca irá se acidentar.

Através do mergulho também se formam novos laços de amizade. Ao sair da água surgem vários comentários sobre o que vêem de mais interessante. Dessa maneira as pessoas vão se conhecendo mais e marcando outros dias para mergulhar novamente.

Sem consciência não dá para mergulhar

Nossos entrevistados insistiram em um assunto: o lixo no fundo do mar. O plástico, por exemplo, pode ser responsável pela morte de vários animais marinhos. E pode causar mal até para nós, pois as pequenas partículas de plástico podem ser digeridas por plânctons maiores, entrar na cadeia alimentar e acabar parando em um peixe que nós vamos comer.

Não tocar ou pegar nada no fundo do mar também é outra regra que precisa ser respeitada. Muitas pessoas pegam conchas e outros recursos que encontram no mar para levar de lembrança. Imagine se cada pessoa que for mergulhar carregar algo para casa! O fundo do mar todo cheio de enfeites e belezas naturais não iria durar muito tempo.

As pessoas que vão mergulhar só devem usar as bolsinhas que levam para pegar o lixo encontrado. Assim, contribuem com a limpeza no fundo do mar. A variedade e transparência das águas de Arraial do Cabo são um convite para quem nunca mergulhou e para quem já mergulhou ter um gostinho de quero mais.